

# Gláuber encerra Festival

*Cópia restaurada de Deus e o Diabo na Terra do Sol será apresentado na cerimônia de premiação, hoje*

Sérgio Bazi  
Especial para o Correio

Uma cópia nova de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, clássico de Gláuber Rocha, abre às 20h a sessão de encerramento do 28º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro (ver comentário nesta página). O governador Cristovam Buarque e o ministro da Cultura, Francisco Weffort, confirmaram presença no cine Brasília.

Antes de anunciar o resultado da premiação, o festival presta uma série de homenagens a nomes que vão do próprio Gláuber a intérpretes que tiveram seus últimos trabalhos no cinema exibidos no evento: Dina Sfat, Felipe Pinheiro (*O Judeu*), Costinha e Raphael Rabello (*O Mandarin*).

O cineasta David Neves, o diretor de arte Carlinhos Prieto e Marco Antônio Guimarães, que organizou o festival nos anos 70 e 80, também recebem homenagens póstumas.

Completam a lista dos homenageados Zequinha Mauro, filho do cineasta Humberto Mauro, e a veterana atriz Ruth de Souza, que não estarão presentes à sessão.

O ator Sérgio Mamberti, que

apresentou a noite de abertura, volta para conduzir a cerimônia com a atriz global Vera Holtz.

**Gláuber na festa** — *Deus e o Diabo na Terra do Sol* continua sendo para muitos críticos não só o melhor filme de Gláuber Rocha e o mais representativo do Cinema Novo como também o maior clássico que o cinema brasileiro produziu até hoje.

Há quase três décadas, o segundo longa do cineasta baiano, morto em Portugal em 81, foi uma das sensações do Festival de Cannes. E permanece como um dos poucos títulos brasileiros que frequentam as indefectíveis listas dos melhores filmes de todos os tempos.

Todo mundo reconheceu que, apesar de influenciado por mestres como Eisenstein, John Ford, Kurosawa, entre outros, Gláuber fez uma obra de respiração própria, notadamente autoral e brasileira.

Combinando ópera e literatura de cordel, Gláuber consolida o épico nordestino por excelência. A trajetória de um casal de camponeses (vivido por Geraldo Del Rey e Yoná Magalhães) ilustra temas como o latifúndio, o messianismo religioso e o cangaço.

Barroco e anárquico, lírico e sensual, grandioso e despojado, *Deus e o Diabo na Terra do Sol* é uma das raras obras do Cinema Novo que permanece imune à passagem do tempo.



## SERVIÇO

**Deus e o Diabo na Terra do Sol**

Exibição do filme de Gláuber Rocha no encerramento do 28º Festival de Cinema de Brasília, hoje às 20 horas, no Cine Brasília.

Tina Coêlho



Lúcia Rocha, "atacada" por Zé do Caixão, recebe a homenagem em nome do filho Glauber Rocha no encerramento do Festival de Brasília

## Competição foi uma das menos animadas

O Festival de Brasília completou 30 anos de idade com uma das mais fracas e desanimadas competições de longas de sua história.

O Mandarin não desapontou os admiradores de Júlio Bressane. Mas é uma obra polêmica, que divide radicalmente opiniões, inclusive entre críticos e jurados.

*O Judeu*, de Jom Tob Azulay, é apontado como o favorito menos por méritos artísticos que por seu tortuoso processo de realização. Durante oito anos, o filme enfrentou desde o estouro de orçamento até a morte de seis atores.

O notável esforço de produção, patente no requinte de cenas rodadas à luz de velas, com lentes especiais, não encobre os defeitos mais visíveis de *O Judeu*: o roteiro capenga e personagens maldelineados.

Azulay desperdiça um argumento forte num filme mocho e pesado, que mais parece um resumo insatisfatório de uma telessérie histórica. Salvam-se, além de algumas interpretações, a esmerada fotografia de Eduardo Serra e a impecável direção de arte de Adrian Cooper.

A sátira social de *Dezesseis Zero Sessenta*, de Vinicius Mainardi, é tido como o azarão da mostra competitiva. Tem a seu favor um bom ponto de partida, mas não é unanimidade.

O filme de Mainardi conta com uma forte candidata ao prêmio de atriz coadjuvante: Marcélia Cartaxo, que há dez anos foi premiada por seu trabalho em *A Hora da Estrela*.

A julgar pela calorosa receptividade do público, *Felicidade É...* vai ganhar seu segundo prêmio do júri popular depois de Gramado. É desigual co-

mo costumam ser os filmes de episódios, mas é uma experiência interessante do ponto de vista comercial.

Bastam os dois primeiros episódios, *Sonho e Bolo*, para justificar sua realização. Deste último pode sair o prêmio de melhor atriz: Wanda Lacerda em performance irretocável.

Para o prêmio de ator, os mais cotados são Fernando Eiras, que faz sua estréia cinematográfica em *O Mandarin*, e o veterano Jofre Soares, que contracenava com Wanda Lacerda no melhor episódio de *Felicidade É...*

Ao contrário do experimentalismo vazio, kitsch e intragável de *Enredando as Pessoas*, o bom e singelo documentário *No Rio das Amazonas* não deve sair de Brasília de mãos abanando. Aparece bem cotado para o prêmio especial do júri.



Felipe Pinheiro: homenagem póstuma

## Poucas surpresas entre os curtas-metragens

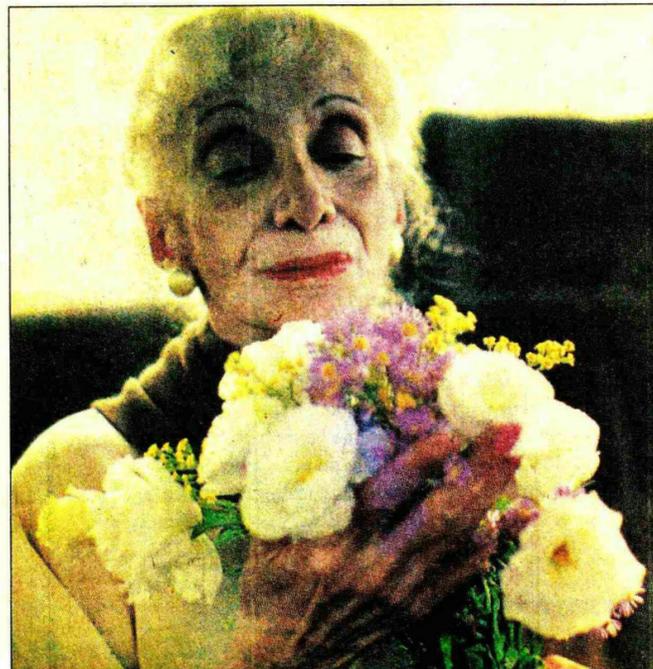
Os curtas-metragens já não demonstram o mesmo fôlego criativo das últimas safras. Passada a euforia do boom do formato — que se tornou ponta de lança do cinema brasileiro em época de vacas magras para o longa —, poucos curta-metragistas têm conseguido surpreender ou emocionar o público.

Este ano a grande e única surpresa em curta duração do Festival de Brasília foi um concorrente da mostra 16 mm, *Criaturas Que Nasciam em Segredo*, do estreante paulista Chico Teixeira.

Os curtas em 35 mm passaram longe da força demonstrada por esse tocante ensaio documental sobre a rejeição centrado na vida de cinco anões. *Criaturas* trata seus personagens com ternura, distanciamento, além de respeito por sua diferença e uma visão histórica sobre o estigma dessas criaturas ainda hoje vistas como atração de feira.

Maracatu, Maracatus, do pernambucano Marcelo Gomes, mistura documental e ficção para focalizar o choque cultural entre gerações de integrantes do maracatu rural. Bem-humorado e descontraído, não merece ficar de fora da premiação.

Deus Ex Machina deu ao gaúcho Carlos Gerbase onze prêmios em Gramado, mas não está com essa bola to-



Ruído de Passos é um dos destaques entre os curtas, baseado em Clarice Lispector

da. A trama é razoavelmente engenhosa e divertida, embora sem o brilho dos grandes curtas gaúchos, como *Ilha das Flores* e *Barbosa*.

A inclusão do vencedor de Gramado na mostra competitiva tem sido criticada até por membros do júri. E é a segunda vez que isso acontece, depois

de *Amor* no ano passado.

**Miséria** — Vítima de sua própria ousadia, o média *Caligrama*, de Eliane Caffé, faz esteticismo em cima da miséria humana. Sua combinação de ficção e realidade, atores e mendigos verdadeiros, desanda na tela. Assim, seus 30 e poucos minutos de duração

parecem intermináveis.

É preferível a simplicidade e despretensão de filmes como *Negócio da China*, uma simpática anedota do mineiro João Vargas Penna, ou os dois documentários da dupla Vania Barbosa-Gueorgui Balabanov, estes da mostra 16 mm.

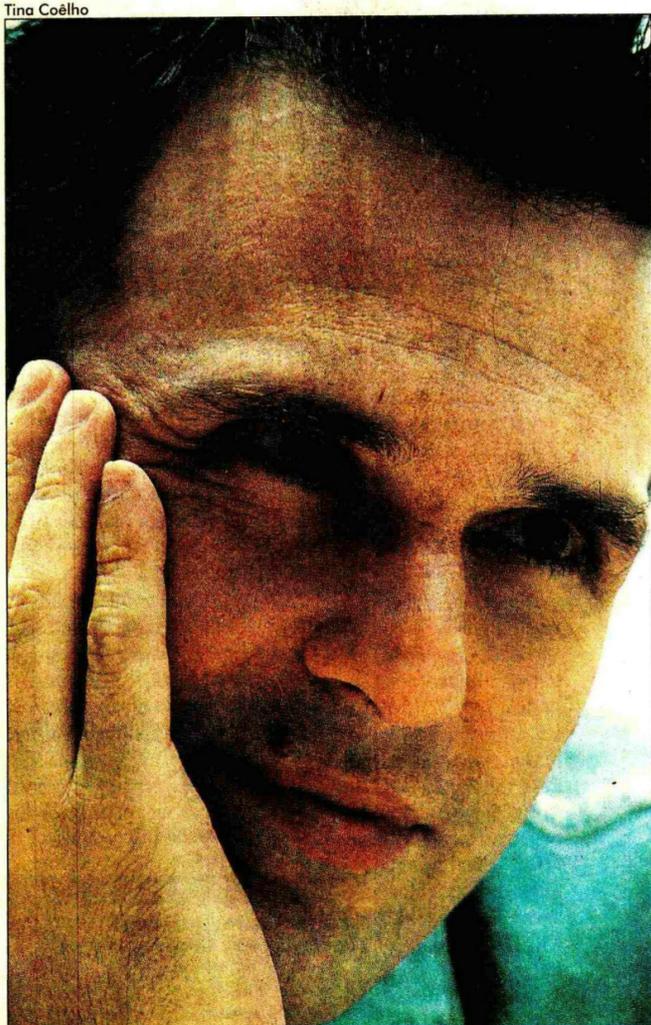
Palácio do Riso e *O Reino de Deus* são mais interessantes pela matéria-prima. O primeiro mergulha no universo de um pobre circo paraibano e revela personagens pitorescos por uma ótica humanista.

O segundo registra um culto da Igreja Universal do Reino de Deus em João Pessoa. São imagens eloquentes que mostram que os pastores surrupiam dinheiro dos fiéis da maneira mais sórdida possível. O filme só erra ao pontuar o culto com flashes de mendigos na rua. Não precisava apelar.

Alguns curtas se destacam mais por momentos isolados do que por uma estrutura sintética. É o caso de *Ruído de Passos*, de Denise Gonçalves, inspirado na obra de Clarice Lispector.

O filme falha ao tentar reproduzir a atmosfera da escritora. Mas em seus últimos minutos a narrativa cresce enfatizando a sexualidade cheia de culpa de uma senhora de 80 anos.

■ Mais Festival na página 3



Fernando Eiras é um dos favoritos ao troféu de melhor ator por *O Mandarin*